

BRUNO CARNEIRO LIRA, OSB

O SENHOR

PREPARA A SUA MESA

Um estudo das Orações Eucarísticas



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lira, Bruno Carneiro

O Senhor prepara a sua mesa : um estudo das orações eucarísticas
/ Bruno Carneiro Lira. -- São Paulo : Paulinas, 2020.

128 p. (Coleção serviço à vida)

ISBN 978-85-356-4606-1

1. Igreja Católica - Liturgia 2. Eucaristia - Orações e devoções

I. Título

20-1468

CDD 264.023

Índice para catálogo sistemático:

1. Liturgia - Orações eucarísticas 264.023

Angélica Ilacqua - Bibliotecária - CRB-8/7057

1ª edição – 2020

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editora responsável: *Vera Ivanise Bombonato*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Copidesque: *Ana Cecilia Mari*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Capa e diagramação: *Tiago Filu*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.org.br> – editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2020

Este livro é a minha homenagem ao
XVIII Congresso Eucarístico Nacional
a ser realizado em Recife (PE),
de 12 a 15 de novembro de 2021.

“Pão em todas as mesas.”

Dedico à Congregação das Irmãs Filhas de São Paulo e a seus colaboradores; nossa Editora Paulinas de sempre.

*A Sabedoria edificou a sua casa sobre sete colunas
e preparou o vinho e a mesa
(cf. Pr 9,1-2).*

*O que eu recebi do Senhor, foi isso que eu vos transmiti:
na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e,
depois de dar graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo
que é dado por vós. Fazei isto em minha memória”.*
*Do mesmo modo, depois da ceia, tomou também o cálice e disse:
“Este cálice é a nova aliança, em meu sangue.
Todas as vezes que dele beberdes, fazei isto em minha memória”.*
*Todas as vezes, de fato, que comerdes
deste pão e beberdes deste cálice,
estareis proclamando a morte do Senhor,
até que ele venha
(1Cor 11,23-26).*

SUMÁRIO

Prefácio	11
Apresentação	17
1. A Ceia do Senhor	21
2. As partes de uma Oração Eucarística	27
3. Alguns Prefácios	35
4. Estudo das Orações Eucarísticas	49
5. O Amém final	87
6. Sugestão de uma Oração Eucarística para o Dia Mundial dos Pobres	93
7. Notas pastorais	101
8. Adoração Eucarística	107
9. Sim, irei ao altar do Senhor	117
Hino do XVIII Congresso Eucarístico Nacional	121
Oração do XVIII Congresso Eucarístico Nacional	125

PREFÁCIO

“Corações ao alto!”

No rito latino, é com a expressão “Corações ao alto” que a Igreja inicia o prefácio das Orações Eucarísticas. Essa expressão me vem ao espírito e quero sugerir-la aos irmãos e irmãs que começarão a ler este sugestivo livro do meu confrade Dom Bruno Carneiro Lira, osb, *O Senhor prepara a sua mesa: um estudo das Orações Eucarísticas*.

Esse monge beneditino, cearense de Sobral, cidade sede da minha primeira Diocese que tanto amo, e pernambucano de adoção, inclusive membro da Academia Olindense de Letras, já tem diversos livros publicados. É conhecido por suas obras em torno dos temas da espiritualidade, Liturgia, temáticas pastorais, educação e linguística. Graduado em Filosofia e Teologia pela Escola Teológica do Mosteiro de São Bento de Olinda (PE), é licenciado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Em livros anteriores, como *A Virgem*

Maria no Ano Litúrgico e Encontro com Cristo, vencer o medo e viver de esperança, já procurava unir Liturgia, Teologia e espiritualidade. Agora nos presenteia com este estudo das Orações Eucarísticas que ocupam o centro da Liturgia Eucarística.

Como um irmão que nos toma pela mão e nos conduz pelos caminhos mistagógicos da Teologia litúrgica, ele nos introduz na linguagem do antigo Cânon Romano (Oração Eucarística I). Depois, revela-nos a simplicidade sóbria e a beleza da Oração Eucarística II, tomada quase ao pé da letra da antiga Tradição Apostólica, atribuída a Santo Hipólito de Roma. Comenta, de forma singela, a Oração Eucarística III, que, em sua linguagem, parece dialogar com algumas sinaxes eucarísticas orientais e tem expressões que encontramos na Teologia de São Basílio Magno. Mostra como a grande Oração Eucarística IV retoma toda a história da salvação e tem uma linguagem teológica que reflete mais a sensibilidade teológica e espiritual dos dias atuais. Também comenta a Oração Eucarística V, acrescentada em nosso Missal a partir do Congresso Eucarístico de Manaus (1970). Essa oração deve muito ao gênio poético e artístico do saudoso Padre Jocy Rodrigues, um dos primeiros pastoralistas que, do Maranhão, ainda nos anos 1960, procurava traduzir a Liturgia e os Salmos bíblicos em linguagem popular.

Depois, em um capítulo próprio, Dom Bruno nos introduz nas mais recentes Orações Eucarísticas alternativas e consagra ainda um capítulo especial ao Amém que encerra a Doxologia da prece eucarística. O livro se conclui com Notas Pastorais e com

um belo texto sobre o “Irei ao altar do Senhor”, além do Hino e a Oração do XVIII Congresso Eucarístico Nacional que se realizará em nossa Arquidiocese de Olinda e Recife, de 12 a 15 de novembro de 2021.

Penso que este livro de Dom Bruno poderá nos ajudar muito na preparação do Congresso Eucarístico. Ele testemunha a tensão permanente que existe entre o sacramento e o seu significado, entre o sinal e a realidade que o sinal indica. A salvação que Jesus anuncia pede dos discípulos adesão amorosa ao projeto do Reino de Deus. Conforme o Evangelho, logo após o batismo, a primeira palavra de Jesus foi: “O tempo está completo. Converti-vos. O Reino de Deus chegou” (Mc 1,15). E, no sermão da montanha, ele acrescenta: “Procurai o Reino dos céus e a sua justiça e tudo o mais virá por acréscimo” (Mt 6,33). Essa justiça divina se expressa na misericórdia e na partilha, elementos primeiros do Reino.

A Eucaristia deve sinalizar essa nova forma de organizar a sociedade e o mundo. A Igreja reunida em assembleia é sacramento do Reino. A Eucaristia, como diz Santo Agostinho, é, antes de tudo, a comunidade reunida no louvor e na partilha. O santo bispo de Hipona ensinava aos neófitos:

Se vós sois o corpo de Cristo e seus membros, o que está colocado na mesa do Senhor é o sacramento (*Mysterium*) do que vós sois. Vós recebeis o sacramento do que vós sois. É ao que vós mesmos sois que, na comunhão, respondeis amém. Essa resposta é a vossa assinatura. Então, torna-te

membro do corpo de Cristo, para que este amém seja verdadeiro (*Sermão* 272, 1, ed. J. P. Migne – PL 38).

O pão é o sacramento do corpo de Cristo, que é a Igreja. Na Eucaristia, ao nos dar em comunhão o seu próprio corpo, ele nos pede que, como Igreja, nos esforcemos para partilhar o pão nosso de cada dia, o sustento diário que, em cada Pai-Nosso, pedimos a Deus que não nos falte. É vocação de toda a Igreja fazer com que a Eucaristia seja realmente pão para todas as mesas (texto-base do XVIII CEN, p. 13).

É o que nos lembra o Papa Francisco, quando afirma:

A Eucaristia nos reconcilia e nos une, alimenta a vida comunitária e gera gestos de generosidade, perdão, confiança e gratidão: significa ação de graças, nos educa à primazia do amor e à prática da justiça e da misericórdia (Discurso na Praça de São Pedro aos peregrinos das dioceses italianas de Bolonha e Cesena, em 21 de abril de 2018).

Como seria importante que o nosso XVIII Congresso Eucarístico não fosse apenas ocasião de belas cerimônias, mas pudesse ser sinal e testemunho desse compromisso da Igreja com a transformação do mundo.

Na apresentação do livro, Dom Bruno afirma: “Participar da Eucaristia é a atividade mais importante que o cristão católico faz em seu cotidiano, pois é a antecipação do futuro, ou seja, o

próprio céu já na terra”. Ele tem muita razão e toca em um ponto no qual a tradição oriental insiste mais do que a nossa: é preciso olhar a Eucaristia não somente como a memória da Última Ceia de Jesus, mas também como antecipação do Reino futuro que nós esperamos. De fato, no domingo de 20 de outubro de 2019, os bispos da região amazônica, presentes em Roma para o Sínodo dos Bispos sobre a Amazônia, com missionários e religiosas atuantes na região, refizeram nas Catacumbas de Domitila, em Roma, o famoso Pacto das Catacumbas que Dom Helder Câmara inspirou em novembro de 1965. Dessa vez, o compromisso com os pobres tomou especificamente a forma de um compromisso de defesa dos povos indígenas e do cuidado com a Mãe Terra, nossa casa comum. O documento assinado por eles conclui ligando esse cuidado com a Eucaristia: “Celebramos esta Eucaristia do Pacto como ‘um ato de amor cósmico’. Sim, cósmico! Porque, mesmo quando tem lugar no pequeno altar duma igreja de aldeia, a Eucaristia é sempre celebrada, de certo modo, sobre o altar do mundo”. Ela une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação. O mundo, saído das mãos de Deus, volta a ele em feliz e plena adoração: no Pão Eucarístico “a criação propende para a divinização, para as santas núpcias, para a unificação com o próprio Criador”. “Por isso, a Eucaristia é também fonte de luz e motivação para as nossas preocupações pelo meio ambiente, e leva-nos a ser guardiões da criação inteira” (*Laudato Si'*, 237).

Com essas indicações, deixo vocês que leem estas páginas sob a condução de Dom Bruno neste seu livro que parece ser,

em cada página, um louvor eucarístico. Deixemo-nos tomar por esse júbilo litúrgico e sempre nos esforcemos por unir o louvor de Deus e o amor solidário aos irmãos, hoje traduzido no cuidado com os pobres e com a terra, nossa casa comum. Bom proveito na leitura e “corações ao alto!”.

Dom Antônio Fernando Saburido, osb
Arcebispo de Olinda e Recife

APRESENTAÇÃO

“Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6,54). Esta certeza que Jesus nos dá com relação à Santíssima Eucaristia, faz-nos preparar, com mais ânimo e empenho, a Celebração Eucarística, e, para isso, é necessário conhecê-la, sobretudo as Orações Eucarísticas que constituem a parte central da Santa Missa.

Participar da Eucaristia é a atividade mais importante que o cristão católico faz em seu cotidiano, pois é a antecipação do futuro, ou seja, o próprio céu já na terra. Por isso é importante que se conheça o sentido de cada parte de uma Oração Eucarística, pois, sabendo o que se está fazendo, a nossa oração cresce em qualidade e nos oportuniza, de maneira mais segura, a busca da conversão.

O livro é composto de nove capítulos, cujo texto conclusivo é intitulado: “Sim, irei ao altar do Senhor”. O primeiro capítulo aprofunda a Ceia do Senhor como Memorial da Páscoa de Jesus Cristo, partindo do contexto bíblico, passando um pouco pela história, sempre tendo como centro a presença real do Divino Redentor, nas espécies do pão e do vinho.

Já o seguinte, estuda as diversas partes de uma Oração Eucarística, mostrando a importância da função de cada uma, a fim de que a Eucaristia se realize, pois, elas são essenciais, juntamente com a intenção do sacerdote, para que aconteça a Transubstanciação.

Nos capítulos seguintes, refletiremos sobre alguns Prefácios e as diversas Orações Eucarísticas, lembrando que a primeira, também chamada de Cânon Romano, isto porque, desde o Concílio de Trento até a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, era a única Anáfora¹ que se dizia em todas as Missas. E, falaremos sobre a importância da segunda, que foi uma tentativa de retorno às fontes, já que é a mais antiga, atribuída a Hipólito de Roma.

Em seguida, dedicamos um capítulo ao estudo do Amém final da Doxologia que conclui a Oração Eucarística. Como se sabe, esse Amém é o consentimento da Assembleia Litúrgica em tudo o que foi pronunciado pelo sacerdote durante a Oração Eucarística e, desde os primórdios da Igreja, foi sempre cantado com todo entusiasmo.

Continuando, apresentamos uma proposta de Oração Eucarística para o Dia Mundial dos Pobres (Trigésimo Terceiro Domingo do Tempo Comum). A finalidade de termos elaborado essa Prece Eucarística é apenas didática, ou seja, para demonstrar aos nossos leitores o que é essencial para que essa oração exista, pois é o núcleo da Santa Missa. Sabemos que, para essa Anáfora ser rezada em uma Celebração Eucarística, precisaríamos da apro-

¹ Palavra grega que significa “repetição”, ou seja, repete-se e atualiza-se (memória) tudo o que Jesus fez na última ceia.

vação da Santa Sé e da CNBB. Portanto, repito, a elaboramos com intenção pedagógica e não para ser dita nas Missas.

O capítulo intitulado “Notas pastorais” traz sugestões que facilitam o entendimento e engajamento por parte dos fiéis na dinâmica da Celebração Eucarística. Logo depois deste, propomos uma Adoração Eucarística.

E, finalmente, a título de considerações finais, o fechamento do livro, que, inspirado no Salmo 42(43), chamamos, como dito acima, de: “Sim, irei ao altar do Senhor”. O salmista deseja louvar a Deus a partir de Jerusalém; hoje, pode-se adorá-lo em qualquer lugar e horário, mas, sobretudo, no momento da Eucaristia, diante da sua presença real. Desejamos, nesse encerramento da obra, motivar os nossos leitores e leitoras a participarem de modo mais pleno, consciente e eficaz das Celebrações Eucarísticas, acima de tudo, do momento da Consagração, que é o centro da Santa Missa.

No final do livro, encontram-se o Hino do XVIII Congresso Eucarístico Nacional e sua oração oficial.

1. A CEIA DO SENHOR

“Fazei isto em minha memória” (Lc 22,19b). Este foi o mandato do Senhor. Ele, inserido na vida religiosa do seu povo, celebrava a Ceia Pascal Judaica na primeira lua cheia da primavera no hemisfério norte, conforme a Lei Mosaica. Assim, no momento da instituição da Eucaristia, em sua Última Ceia com os Apóstolos, na noite anterior à sua Paixão e Morte, deixou-nos o mistério do seu Corpo e Sangue como penhor de sua presença entre nós até a segunda vinda; portanto, um singular consolo para aqueles que se entristeciam com a sua ausência. Como vemos, a Missa nasce no contexto da Páscoa Judaica (elemento de continuidade), com um novo sentido, o memorial pascal de Jesus Cristo (elemento de ruptura).

O livro dos Atos dos Apóstolos nos informa que os primeiros cristãos eram fiéis ao ensinamento dos Apóstolos e à fração do pão: “Eles perseveravam no ensino dos Apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações” (At 2,42). Uma alusão clara ao encontro para a Eucaristia.

Logo nos primórdios da Igreja, os padres mencionam a sinaxe dominical; um dia todo dedicado ao Senhor. Já na cena dos

discípulos de Emaús, vemos o esquema celebrativo da Missa: Jesus Ressuscitado lhes ensina as Escrituras e as aplica a ele [Liturgia da Palavra], em seguida, é reconhecido na fração do pão [Liturgia Eucarística] (cf. Lc 24,25-31). Na Tradição Apostólica, a Eucaristia revela o Pai no Mistério do Filho, Redentor do homem. Esse texto, o mais antigo depois do período apostólico, sublinha o laço indissolúvel da Eucaristia com a Igreja. Após a Consagração, o Espírito Santo é invocado para que a Igreja possa se tornar digna para essa oferta. Santo Inácio de Antioquia afirma que a Missa revela a unidade da Igreja, pois nos alimentamos da carne e sangue de Cristo que sofreu e ressuscitou, constituindo-nos, através do mesmo alimento oferecido, como comunidade unida. São Justino, em sua Segunda Apologia, informa-nos que, no Dia do Sol, portanto, dia da criação da luz, os cristãos se reuniam para celebrar a Ressurreição de seu Senhor da seguinte maneira: liam as Sagradas Escrituras sem pressa, em seguida, aquele que presidia dava explicações e fazia exortações; havia orações comunitárias e, finalmente, a fração do pão (Corpo e Sangue de Cristo) em forma de ação de graças. Os santos Irineu e Cipriano sublinham a presença real de Cristo nas espécies do pão e vinho, que, recebido como alimento, faz com que o nosso corpo ressuscite, alimenta a força dos mártires e favorece a unidade dos cristãos. São João Crisóstomo vê a Eucaristia no contexto batismal, como alimento de vida que ajuda na nossa luta contra o mal. Santo Ambrósio e Santo Agostinho apresentam a Eucaristia na economia veterotestamentária em relação com a escatologia, como também a realidade da Igreja Corpo de Cristo e o seu ideal de unidade.

No período escolástico, destacamos São Tomás de Aquino, que apresenta a Eucaristia como o sacramento da presença de Cristo. O termo que ele usa é: *repraesentare*, empregado no sentido não de recordação, mas como presença real e eficaz do Senhor morto e ressuscitado. Esse sacramento diz respeito ao passado, por comemorar a Paixão do Senhor, o verdadeiro sacrifício, e liga-se ao presente porque faz a unidade da Igreja e tem um efeito futuro, pois é o penhor da glória futura, como o próprio Senhor anunciou: “Eu vos afirmo que, de agora em diante, não mais tomarei deste fruto da videira até aquele dia em que beberei o novo vinho, convosco, no Reino de meu Pai!” (Mt 26,29). Já São Boaventura insistiu no espírito de piedade necessário para comungar Jesus Cristo. Ele nos diz que, além das palavras de consagração que Jesus pronunciou na Última Ceia, realiza, ainda, a promessa do Senhor: “Eu estou convosco todos os dias até o fim do mundo” (Mt 28,20).

O Concílio de Trento enfatiza que a Santíssima Eucaristia, com relação aos demais sacramentos, é o mais sublime, pois contém o autor da santidade; portanto, após a Consagração, o pão e o vinho, na sua essência, transformam-se verdadeiramente no Corpo e Sangue de Cristo.

O Concílio Vaticano II nos ensina que, através da obra da redenção presente no Santíssimo Sacramento do altar, a Igreja cresce. São Paulo VI, que concretizou as decisões conciliares, observa que no Missal Romano encontram-se as provas da tradição ininterrupta da Igreja, pois este apresenta toda uma teologia do

Mistério Eucarístico. E São João Paulo II afirma que a Eucaristia faz a Igreja e que esta faz a Eucaristia.

Com esse breve relato histórico, observa-se a importância desse sacramento para a Igreja que se nutre do verdadeiro alimento até a volta do seu Senhor.

Conhecer a grandeza da Missa e participar dela por amor ao Senhor constituem aquilo que o cristão faz de mais sublime e importante em seu dia, pois antecipa o futuro, anunciando o Grande Dia da vinda do Senhor. É nesse sentido que São João Paulo II nos convoca a santificar, com a Eucaristia, o Dia do Senhor. Diz o Santo Pontífice:

De fato, é precisamente na Missa dominical que os cristãos revivem, com particular intensidade, a experiência feita pelos Apóstolos na tarde de Páscoa, quando, estando eles reunidos, o Ressuscitado lhes apareceu (cf. Jo 20,19). Naquele pequeno núcleo de discípulos, primícias da Igreja, estava de algum modo presente o Povo de Deus de todos os tempos. Pelo seu testemunho, estende-se a cada geração de crentes a saudação de Cristo, transbordante do dom messiânico da paz, conquistada pelo seu sangue e oferecida juntamente com o seu Espírito: “A paz esteja convosco!”. No fato de Cristo voltar ao meio deles “oito dias depois” (Jo 20,26), pode-se ver representado, na sua raiz, o costume da comunidade cristã de reunir todos os oito dias, no “Dia do Senhor” o domingo, para professar a

fé na sua Ressurreição e recolher os frutos da bem-aventurança prometida por ele: “Bem-aventurados os que, sem terem visto, acreditam!” (Jo 20,29). Esta íntima conexão entre a manifestação do Ressuscitado e a Eucaristia é sugerida pelo Evangelho de São Lucas na narração dos dois discípulos de Emaús, aos quais Cristo mesmo fez companhia, servindo-lhes de guia na compreensão da Palavra e, depois, sentando-se com eles à mesa. Reconheceram-no, quando ele “tomou o pão, pronunciou a bênção e, depois de parti-lo, entregou-lhes” (24,30). Os gestos de Jesus, nesta narração, são os mesmos que ele realizou na última Ceia, com clara alusão à “fração do pão”, como é denominada a Eucaristia na primeira geração cristã.¹

Como vemos, o dia da Ressurreição do Senhor está intimamente ligado à Eucaristia, a sua maior forma de presença hoje na Igreja. Como diz o Santo Papa, os gestos de Jesus no episódio de Emaús são os mesmos que ele fez na Última Ceia e que a Igreja, através dos sacerdotes, pratica todos os dias do nascer ao pôr do sol, quando realiza a celebração da Santa Missa. E, na grande Prece Consacratória, que é a Oração Eucarística, invoca o Espírito Santo, pede pela unidade da Igreja e por seus membros vivos e mortos.

¹ Carta apostólica *Dies Domini*, n. 33, de São João Paulo II. Disponível em: <<http://www.domusiesu.pt/audio-textos/40-global/dies-domini/622-capitulo-iii-dies-eclesia>>. Acesso em: 22/08/2019.

Para participarmos de maneira ativa, consciente e eficaz da Celebração Eucarística, é necessário que a conheçamos profundamente para que todos os seus gestos, palavras e símbolos adquiram um sentido salvífico em nossas vidas e, através deles, convertamo-nos e nos aproximemos cada vez mais do Senhor que deseja estar conosco, como nós queremos estar com ele. Foi isso que os discípulos de Emaús pediram a Jesus: “Fica conosco, porque já é tarde e já declinou o dia. E entrou para ficar com eles” (Lc 24,29).

Dentro da liturgia da Santa Missa, destacamos a Oração Eucarística como o núcleo da celebração, pois é nessa prece que acontece o milagre da Transubstanciação e Jesus se faz presente em toda a sua integridade. É, portanto, a *Berakah* cristã, a grande bênção de ação de graças. Ela louva e agradece a benevolência de Deus para com as criaturas. No Novo Testamento, Jesus reza uma *Berakah* por Deus ter escolhido os pequeninos para revelar os seus mistérios (cf. Mt 11,25-17 e Lc 10,21-22). Também, na narrativa da instituição da Eucaristia, diz-se: “Ele tomou o pão e, tendo recitado a *Berakah*, o partiu e o distribuiu...” (Mc 14,22-24).

No capítulo seguinte, passaremos a refletir sobre as partes de uma Oração Eucarística.